



## Editorial

### Dimensão ético-social da fé cristã

Este número de *Pistis & Praxis* traz a lume o dossiê sobre Teologia em perspectiva ético-social. Trata-se de um campo clássico da Teologia — mais precisamente da Teologia Prática e da Ética Teológica — cuja relevância atravessa os tempos, caracterizando-se como: o olhar da teologia sobre as realidades do tempo presente; as dimensões ética e moral da fé; a vivência da fé no cotidiano pessoal, familiar e profissional; e ainda, o engajamento político e social do religioso. Mais do que nunca, a Teologia é desafiada diuturnamente a lidar com faces complexas da realidade, interpelada a expressar claramente a dimensão ético-social da fé professada. Desta interpelação advêm algumas características da tarefa teológica, como: a) Valorização da diversidade cultural, étnica, religiosa, política, familiar e de gênero, inibindo posturas que promovam a intolerância, o sectarismo, a xenofobia, a homofobia e o fanatismo, em benefício de um Cristianismo solidário e inclusivo; b) Acolhimento e respeito dos múltiplos saberes, de modo a que se pense a atividade teológica em profícuo diálogo com outras Ciências, como a Arte, a Literatura e as sabedorias dos povos, superando formas de hermetismo e academicismo, isolamento e ostracismo; quer-se, assim, buscar interlocutores para a Teologia no cenário cultural; c) Posicionamento de protagonismo teológico voltado para a transformação social e política marcada pela defesa da dignidade humana, inclusão de todos como beneficiários de bens e serviços públicos e cuidado com o meio ambiente; buscando superar as estruturas sociais excludentes, os movimentos totalitários e as leituras sociais dicotômicas; d) Promoção do cuidado pessoal e relacional, destacando o papel da teologia no desenvolvimento integral do ser humano, principalmente no âmbito da saúde e educação, com a consequente superação de abordagens reducionistas, deterministas e

utilitaristas. Em todas essas características destaca-se a força transformadora do Evangelho, que faz dos cristãos “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14).

No diálogo com a sociedade, a teologia visa desenvolver questões e pesquisas que perscrutem a ação humana em contexto sócio-político-cultural, de modo a aproximar Evangelho e experiência humana. Deste modo, é possível identificar alguns espaços privilegiados para o estudo e a pesquisa da Teologia em campo social, como: a atividade educativa-formativa; a relação entre subjetividade e religião; as expressões e manifestações sociais da religião (e do próprio Cristianismo); as transformações sociais e culturais e seus alcances para a fé cristã; o discernimento das várias intervenções sobre a vida humana propiciadas pela ciência e pela tecnologia; o cuidado integral das pessoas, segundo a ética das bem-aventuranças; a proteção do meio ambiente e sua interface com a teologia da Criação; as transformações socioeconômicas e a preferência pelos pobres; as questões de gênero e suas tematizações.

No Primeiro Testamento já se vislumbra uma abordagem integral da pessoa, à luz do forte chamado de Deus a favor da vida: “Escolhe a vida, para que vivas tu e a tua descendência; pois isto significa vida para ti, e tua permanência estável sobre a terra” (Dt 30,19b e 20b). Já no Novo Testamento, o núcleo central da missão de Jesus é igualmente expresso em termos de vida: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Esses textos apontam e abarcam a vida nova e eterna como horizonte de sentido e de esperança, no qual incluem-se todos os aspectos e momentos do percurso humano na terra, dando-lhes pleno significado. Fica, pois, evidente que o evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus (cf. Lc 4,18-21; Mc 6,33-44; Mt 25,34-40).

Ademais, a vida encerra em si mesma uma sacralidade, enquanto dotada de dignidade própria. Afirmar isto significa reconhecer à vida humana um valor ontológico, além do valor moral, uma vez que cada pessoa é portadora desta *dignidade* — pois justifica-se como fim em si, conforme o querer do Criador (cf. Gn 1,26ss). Teologicamente, a criação do ser humano à *imagem e semelhança* de Deus — com sua humanidade assumida na Encarnação do Verbo (cf. Jo 1,14) — é afirmação da dignidade de toda pessoa humana, não importando sua condição, chamada a participar responsabilmente na obra da Criação, cuidando da Terra e de seus bens para que a vida perdure criativamente.

O fundamento antropológico unitário, que assume o ser humano em sua complexidade e inteireza, e o apelo ético pelo qual a pessoa é chamada a ser sujeito de liberdade responsável, apontam para a pessoa humana como um fim em si mesma: nunca redutível aos meios que a expressam, nem à mera funcionalidade, mas fonte da moralidade consciente no discernimento do que é lícito ou ilícito, em todo o percurso da vida pessoal e coletiva. Em todos esses aspectos, a Teologia assume a pessoa inteira, em suas várias dimensões, o mais integralmente possível. Pois, criada em dignidade e estatuto próprio, a pessoa humana nunca reduz-se a meios alheios à sua natureza, mas é um bem em si mesma. Assim, toda a vida e a criação é contemplada na sua plenitude, com o ser humano posto no mundo “para o cultivar e guardar” (Gn 2,15). Disto advém a busca constante do bem integral do ser humano — conectado com a extensa teia vital que o envolve — em alerta contra qualquer forma de descaso ou abuso que signifique um reducionismo em sua natureza ou condição.

Entre muitos apelos neste sentido, o imperativo primeiro permanece sendo o *não matarás* (Êx 20,13). Dele desdobram-se todos os demais apelos éticos, bem como os engajamentos morais decorrentes. Pode-se dizer que a consciência da humanidade cresceu à medida que cresceu o respeito pela vida humana. O imperativo *não matarás* resume de maneira sintética, na tradição ocidental/judeu-cristã, o valor da vida humana. Aqui está a expressão fundamental do próprio *ethos* humano, com valor universal.

Com tal perspectiva, a ética cristã aponta para a promoção do que se convencionou chamar as Ciências da Vida. Quer-se com isso responder à necessidade de implementar-se um esforço conjunto em prol da vida, reunindo as mais variadas ciências, entidades, órgãos representativos da sociedade, bem como as diversas religiões. Soou a hora de dar passos corajosos, somando forças em torno de um elemento básico e norteador, ou seja, a vida.

Sob a luz da fé — bem como do Sagrado manifesto nas culturas — a vida carrega em si um *além* e um *trans* em relação aos níveis imediatos e/ou evidentes da realidade. Isto não a retira do tempo e dos lugares em que se dá, mas a insere ali com sentido aberto à transcendência, ao devir histórico e transhistórico do mundo. Portanto, a vida — e especificamente a vida humana — é transcendente e imanente, permitindo o movimento ascendente e descendente entre os níveis de realidade (informação) e

percepção (consciência). Esse encontro com o Sagrado na transrealidade e na transpercepção está na base de nossa liberdade e responsabilidade, como referência constante dos valores humanos. Enquanto experiência, o Sagrado favorece uma atitude transreligiosa que permite conhecer e apreciar a especificidade das tradições religiosas em particular, para perceber as estruturas comuns que as fundamentam universalmente, chegando a uma visão transreligiosa do mundo que permite, de um lado, a superação das cosmovisões mecanicista e reducionista, e, de outro lado, o encontro dos diferentes credos no *humano* que os constitui.

Deste cenário de valores e afirmações têm surgido muitas questões, com muitas vias de abordagem. Uma dessas, particularmente, apresenta-se no campo da *ética da vida* — isto é, da bioética. Afinal, o que significa refletir bioética em perspectiva teológica? Pois os teólogos da moral sempre marcaram presença significativa nos comitês e fóruns de discussão. O processo de consolidação da Bioética, como saber independente e com estatuto epistemológico próprio, levou os teólogos a explicitar o papel e a contribuição específica da teologia na discussão dos desafios enfrentados pela mesma bioética. Qual seria o papel do teólogo neste debate? Simplesmente defender as posições confessionais já consolidadas em sua Igreja? Ou refletir racionalmente a partir da fé com abertura aos contextos e às hermenêuticas, buscando construir uma antropologia consistente que fundamente um determinado posicionamento? Afinal, também as formulações dogmáticas são objeto de conhecimento, discernindo seus níveis de sentido, revalidando formulações e ensaiando novas linguagens. Essas questões nos fazem conjugar diferentes espaços teológicos, com diferentes interlocutores, ampliando a relevância da *intelligentia fidei* em novos territórios de saber.

Refletindo sobre o lugar e o papel da teologia na universidade, Moltmann costuma distinguir entre fazer teologia para o interior da Igreja (Teologia eclesial, confessional) e fazer teologia para o espaço público da universidade e da sociedade (Teologia pública, plural). A primeira está centrada na comunhão eclesial; a segunda está preocupada com o anúncio do Reino de Deus no mundo, apontando para uma presença relevante e pertinente da fé cristã no espaço público de uma sociedade já pós-cristã. A teologia pública objetiva, por um lado, deixar-se desafiar em uma tradição de fé pelos questionamentos atuais com honestidade e abertura de mente

e, por outro lado, desafiar com coragem e pertinência a mentalidade hodierna a partir do Evangelho. Uma não pode querer ocupar o lugar da outra, pois respondem a diferentes especificidades que devem ser mantidas num ambiente cultural, não mais de Cristandade.

Vai-se a Cristandade, permanece o Reino de Deus — sempre no centro de gravidade da obra de Jesus. De fato, o Reino proposto pelo Nazareno abre um horizonte amplo de esperança e de futuro para a humanidade inteira, que atravessa tempos e culturas desde seu primeiro anúncio. Este Reino provém da autonomia salvífica de Deus, dimensionando a própria Igreja, que parte em missão. Portanto, restringir o Reino de Deus aos espaços eclesiais significaria dificultar a abertura e/ou o acesso à novidade do Evangelho — do qual a Igreja é constituída sinal entre as nações. De maneira semelhante, a Teologia faz-se missionária e hóspede nos diferentes terrenos do mundo, realizando com largueza o destino universal da Igreja. Ser teologia eclesial significa cuidar em não reduzir o Evangelho à própria Igreja visível, para sinalizar a salvação nos diversos areópagos humanos (cf. At 17,22-28). A teologia assume, de certo modo, uma função própria do Reino de Deus, como memória e inteligência deste Reino desde a Igreja, *no e para* o mundo. Nesta função a teologia se realiza *ad intra* e *ad extra*, incidindo nas esferas da vida política, cultural, econômica, científica e ecológica da sociedade. Configura-se como teologia pública, participante da *res publica* da sociedade, numa perspectiva do Reino de Deus que virá; “Venha a nós o vosso Reino; faça-se a vossa vontade assim na terra, como no céu” (Mt 6,10). Enquanto pública — não circunscrita à Igreja institucional — a teologia assume sua mediação crítica na sociedade, enquanto, em contrapartida, dispõe-se à crítica pública sobre si mesma. Trata-se de falar uma linguagem pública acessível ao conjunto da coletividade social, sem perder a integridade da mensagem cristã, num movimento contrastante ou convergente, em postura sempre martirial. Neste sentido, a dimensão ético-social é uma evidência da teologia pública — como notado nos artigos do presente dossiê:

- Cássia Quelho Tavares indaga-se sobre *A ética que desejamos* com duas referências de reflexão: a *Agenda 2030* das Nações Unidas (ONU) e a *Igreja em Saída a Serviço do Reino*, enfoque para o Ano do Laicato de 2017. Segundo a autora, pensar a vida em sua máxima

dignidade deve ser o investimento de uma Igreja peregrina, viva e missionária: Igreja em defesa dos direitos humanos com opções solidárias, que sofre com quem sofre e luta com quem luta.

- Paulo Sérgio L. Gonçalves vem a seguir, tratando de *Religião e ética no cristianismo não-religioso*: uma análise do chamado cristianismo não-religioso apresentado pelo filósofo Gianni Vattimo. Para tanto, o autor parte do estado da questão, apresentando as linhas fundamentais do cristianismo não-religioso e a ética nele subjacente — analogamente denominada ética cristã não-religiosa — com base nas obras de Vattimo e outros pensadores referidos ao tema.

- Élio Estanislau Gasda aborda a *Dimensão ético-social* da fé com uma chave precisa: a *Memória subversiva de um Deus crucificado*. O autor parte de três considerações: a ética sempre é social; toda reflexão teológica contém uma dimensão histórico-social; a sociedade, a academia e o Estado, como interlocutores, exigem uma postura aberta e dialogal por parte do teólogo. Depois, partindo do evento Cristo, o texto discorre sobre conceitos nucleares da teologia: imagem de Deus, a historicidade de Jesus e a ética do Reino, a centralidade dos abandonados ao sofrimento, dimensão sócio-estrutural do pecado do mundo.

- César Kuzma assina o próximo artigo, intitulado *Por uma esperança responsável: interpelações éticas e teológicas para uma nova práxis*. Segundo o autor, a esperança responsável é compreendida na sua dimensão humana, naquilo que podemos esperar e que está ao nosso alcance, o que implica uma ação direta do ser humano na história, em vista de um futuro que se pode construir. Esta mesma esperança também pode ser percebida teologicamente, entendida como dom e como horizonte de resposta — o que possibilita ao ser humano um novo modo de agir e de se perceber diante de um futuro que o convida a algo novo, fazendo-o interagir com o contexto onde vive, em vista de um futuro que foi prometido e que alimenta esta esperança na história, transformando-a em força e ação.

---

- Andreia Serrato e Waldir Souza discorrem sobre *Práxis místico-ética em Simone Weil: a solidariedade pelo outro sentida à flor da pele*. Os autores destacam o percurso de Simone Weil como *filosofia da ação*, não expressa apenas pela construção conceitual, mas sobretudo pela unidade vivida entre práxis, ética e mística. Aquilo que pensou e refletiu eticamente em favor dos marginalizados tornou-se ação, ou seja, concretizou em sua existência. Simone Weil deixou-se *afetar* totalmente pelo outro marginalizado, assimilando em si mesma os membros feridos do Corpo de Cristo. Neste sentido, é um emblema eloquente de coerência entre fé e vida, mística e práxis.

- Carlos Frederico B. de Souza volta-se ao *Pe. Cícero Romão Batista* em sua busca *por uma mística sertaneja do Cariri*. O autor identifica na vida de Pe. Cícero os aspectos configuradores de uma mística presente em sua história e vivências religiosas. Para isto, parte de uma discussão sobre o que é a mística; apresentando, em seguida, aquelas situações da vida do Pe. Cícero que apontam para uma mística por ele vivida. Uma “mística de olhos abertos” e do “serviço” construída na relação com os sertanejos de sua época, que habitavam a região do Cariri cearense. Sujeitos marcados por sua geografia, história, cultura e problemáticas; sujeitos que por meio de suas vidas e peregrinações, narram sua experiência silenciosa do Mistério Sagrado.

- Evandro Arlindo de Melo, Mário Sanches e María del Carmen Massé concluem o dossiê, com o artigo *A Bioética teológica e a sua pertinência no debate social atual*. O objetivo do texto é identificar as tensões entre Teologia e Bioética, mapeando historicamente a contribuição da Teologia para a nova disciplina e a possibilidade de falar de uma bioética teológica. A pesquisa das fontes documentais demonstra que a reflexão teológica influenciou no surgimento da Bioética, tanto numa preparação remota como em contribuição mais específica no início da segunda metade do século XX. Deste modo, destaca-se que as duas disciplinas podem se enriquecer entre si, desde que as contribuições recíprocas mantenham uma postura dialogante e respeitosa.

Além das contribuições do dossiê temático, três autores nos brindam com seus artigos. Gerson Joni Fischer discorre sobre *Pessoa, um mistério não decifrado e em permanente desvelar*, com sua crítica aos dualismos cartesiano e estrutural, tangenciando a ética e a pastoral cristã — como ele mesmo propõe no subtítulo. Fischer pondera sua reflexão à luz da antropologia cristã, com o ser humano essencialmente *uno* e *dual* em suas instâncias de corpo e mente, conjugadas na noção de pessoa. Afinal, é a pessoa toda quem percebe, pensa, recorda, emociona-se, motiva-se, é atenta e produz impulsos. Em seguida, dois artigos abordam — em chaves distintas — a experiência feminina de morte e esperança, dor e consolação. As pesquisadoras Eunice S. Lins Gomes e Leyla T. Brito da Silva tratam das *Imagens simbólicas do pranto feminino* no relato do Evangelho Apócrifo de Pedro. Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, com abordagem qualitativa. A concepção de pranto foi delineada sob a perspectiva mitológica e fundamentada com a teoria do imaginário, tendo como instrumento de análise a Hermenêutica Simbólica de Gilbert Durand e a Mitohermenêutica de Ferreira-Santos. O relato expressa a consciência do término da vida, em que se cruzam dor e esperança, no horizonte nascente da escatologia cristã. Por fim, a professora Jaci de Fátima S. Candiotto discorre sobre *Teologia da kênosis e relações de gênero* com sua peculiar perspectiva de leitura, a partir de Gianni Vattimo e de outros pensadores. Com tais referências, a autora analisa o trânsito da imagem de Deus-forte (metafísica clássica) para a percepção secularizada de um “Deus-fraco” (modernidade), como indício que nos permite pensar o lugar do Cristianismo no mundo atual. Indo além de Vattimo, a *kênosis* da encarnação e da crucificação é tomada como chave de reflexão sobre os desafios contemporâneos à fé cristã, especialmente o da violência e da dor sofridos pelas mulheres — cuja experiência contribui para uma leitura feminina da teologia kenótica.

A todos e todas, boa leitura.

**Prof. Dr. Waldir Souza**  
**Prof. Dr. Marcial Maçaneiro**